

VERBOS DO TIPO IR E CHEGAR E O PUZZLE DA INACUSATIVIDADE EM PORTUGUÊS

VERBS SUCH AS TO GO AND TO ARRIVE AND THE UNNACUSATIVITY PUZZLE IN PORTUGUESE

Jair Gomes de Farias (UFAL)¹

Resumo: Neste artigo, discute-se e testa-se a universalidade da hipótese inacusativa de Burzio (1986) a sentenças construídas com verbos do tipo ir e chegar + PP na gramática do português. Como procedimento metodológico, utilizam-se dados de introspecção. Fundamenta-se em Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981 e 1986), e nas análises de Xavier (1989), Mateus et al. (2003), Coelho (2000), Silva (2004) e Autor (2005). Após testagem de evidências sintáticas como a cliticização, a inversão livre e construções com expletivo do tipo there, conclui-se que nos contextos estruturais com verbos do tipo ir e chegar + PP a hipótese da inacusatividade de Búrzio não é empiricamente corroborada.

Palavras-chave: Inacusatividade. Sintaxe. Verbos. Português.

Abstract: This paper discusses and tests the universality of Burzio's unaccusativity hypothesis (1986) and its applicability to sentences with verbs such as to go and to arrive + PP in portuguese grammar. Introspection data are used. Based on theoretical assumptions of Principles and Parameters (Chomsky, 1981 e 1986) and of Xavier (1989), Coelho (2000), Mateus et al. (2003), Silva (2004) and Autor (2005) analyses. It concludes with arguing that Burzio's unaccusativity hypothesis is not empirically confirmed by the presented sentences.

Keywords: Unaccusativity. Syntax. Verbs. Portuguese.

1. Introdução

Numa teoria gramatical formal, a subclasse de verbos inacusativos é a que, apesar de apresentar um comportamento estrutural similar à classe dos inergativos – ou intransitivos puros –, diferencia-se desta pela incapacidade de atribuir caso estrutural a seu argumento interno por não licenciar um argumento externo (Cf. BURZIO, 1986). Essa asserção toma aporte empírico em dados da gramática do português, como ilustram os exemplos em (1):

(a) O João cantou.

O navio afundou.

¹ Professor Doutor do curso Letras Português da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. Participou do PET Letras da Ufal no período de fevereiro de 1998 a fevereiro de 2001.

Em (1a) observa-se que a grelha temática do verbo inergativo *cantar* exige um sujeito lógico que, saturado na sintaxe como sujeito gramatical, reflete as propriedades prototípicas de um argumento externo, já que exhibe, nesse caso, um traço [+ volitivo], dentre outros traços semânticos exigidos pela entrada lexical do verbo. Já em (1b), o sujeito gramatical *O navio*, apesar de estar numa posição mais proeminente, tem uma interpretação de objeto afetado, não sendo portanto um argumento externo, mas sim um argumento interno do verbo. Para além dessa discriminação, verbos inergativos admitem acusativos sintáticos: *O João cantou um canção*, ao passo que com verbos inacusativos essa operação sintática é abortada: **O navio afundou uma afundada*.

Todavia, ao ampliar essa discussão a contextos estruturais construídos com verbos também considerados inacusativos do tipo *ir* e *chegar* + sintagmas preposicionais complementos (PP), percebe-se um comportamento não homogêneo dessa subclasse, conforme os exemplos em (2):

- (a) A Maria foi à/para/na Universidade.
- (b) O prêmio foi para/*à/*na Maria
- (c) O João chegou em casa.
- (d) A carta chegou.

Mediante o *puzzle* com o qual se depara, e valendo-se da hipótese sintática da inacusatividade à la Burzio, o presente artigo discute e testa, aplicando a estruturas frásicas da gramática do português construídas com verbos do tipo *ir* e *chegar* - um subgrupo dos verbos inacusativos: os de movimento/localização (Cf. DUARTE, 2003 e LEVIN E RAPPAPORT-HOVAV, 1995). Propõe-se que, apesar de esses tipos de verbos admitirem construções inacusativas, a análise léxico-sintática desses tipos de verbos em diferentes contextos estruturais evidencia que a hipótese da inacusatividade de Búzio (1986) não encontra sustentação empírica para sua universalidade na gramática do português.

O texto está organizado da seguinte maneira: em 2. apresenta-se a hipótese inacusativa de Burzio (1986), relevando as propriedades que caracterizam os verbos inacusativos nessa abordagem; em 3. testa-se empiricamente a hipótese da inacusatividade de Búzio a construções frásicas com verbos do tipo *ir* e *chegar* + PP, seguindo as aporias de Xavier (1986), Coelho (2000), Mateus et al. (2003), Silva (2004), Farias (2005). E por fim, as

Considerações Finais, nas quais se sintetiza o percurso analítico deste artigo e põe-se em perspectiva questões para trabalhos futuros.

2. A hipótese inacusativa de Burzio (1986)

Ao seguir as pegadas de David Perlmutter (1978), que fora o percussor da hipótese inacusativa no quadro da teoria linguística, Luigi Burzio (1986) advoga que os verbos cognominados “intransitivos” no italiano não formam uma classe sintático-semântica homogênea e que esses verbos, apesar de apresentarem um comportamento sintático similar, exibem importantes diferenças estruturais, como se pode observar em (3)². A classificação que, na Gramática Relacional, era dada à classe dos intransitivos (inergativos e inacusativos), é captada por Burzio, no âmbito da Teoria da Regência e Ligação (TRL), como inergativos e ergativos, respectivamente:

3. (a) Giovanni arriva.

Giovanni chega.

(b) Giovanni telefona.

Giovanni telefona.

A análise de Burzio (1986) apresenta argumentos a favor da ideia, já antes defendida por David Perlmutter (1978), de que em (3a) o sujeito sintático do verbo ergativo em Estrutura-S é em Estrutura-D um argumento interno, ao passo que o sujeito do inergativo, conforme apresentado em (3b), é um sujeito gerado em Estrutura-D na posição Spec,IP, segundo as postulações de Chomsky (1981). Nesse sentido, para analisar como se processam os diferentes mecanismos estruturais envolvidos na distinção entre os ergativos e inergativos, Burzio se fundamenta em dois fenômenos sintáticos bem determinados, que se estendem a outras construções estruturalmente semelhantes. São eles:

(i) a cliticização de *ne*

(ii) a escolha do verbo auxiliar aspectual *essere*

² Todos os exemplos aqui citados do italiano foram extraídos de Burzio (1986).

Os exemplos apresentados em (4) e (5), respectivamente, ilustram que os fenômenos apresentados em (i) e (ii) estão estritamente associados aos verbos ergativos, haja vista serem agramaticais as frases correspondentes com verbos inergativos:

4. (a) *Ne arrivano molti.*

Muitos deles chegaram.

(b) **Ne telefonato molti.*

Muitos deles telefonaram.

5. (a) *Giovanni é arrivato.*

Giovanni chegou.

(b) *Giovanni ha telefonato.*

Giovanni telefonou.

Burzio (1986) defende, então, que o clítico *ne* no italiano está coindexado apenas com objetos diretos básicos, o que explica a diferença estrutural no tocante à gramaticalidade de (4a) contra a agramaticalidade de (4b), tendo em vista que o *ne* não pode estar coindexado ao sujeito da frase, conforme os dados em:

6. (a) *Giovanni ne_i inviterà molti cv_i*

Giovanni deles_i convidará muitos cv_i

(b) *Ne_i saranno invitati molti cv_i*

Deles_i serão convidados muitos cv_i

(c) *Se ne_i leggerà/anno alcuni cv_i*

Se deles_i lerá/ão alguns cv_i

(d) *Ne affondarò_i due cv_i*

Deles_i afundaram dois cv_i

Dessas evidências, Burzio (1986) propõe que o comportamento do *ne* nos dados apresentados em (6) gera a seguinte assunção: “Ne-Cl is possible with respect to all and only

direct objects” (op. cit., p. 23), visto que em (6a) o clítico *ne* está coindexado com o objeto direto de uma frase transitiva; em (6b) com o objeto direto de uma passiva; em (6c) com o objeto direto de uma passiva de *se* impessoal e em (6d) com o objeto direto do verbo *affondare*, verbo este que participa da alternância SVO/OV, mais comumente conhecida na literatura gerativista como verbos de alternância causativa. Esse autor pontua ainda que como nas construções ergativas pode haver a cliticização do *ne_i* e este está estritamente relacionado com o objeto direto da frase, conforme apresentado em (6); o argumento apresentado como sujeito sintático do exemplo (4) é, em Estrutura-D, um objeto direto que recebe função- θ do verbo nesta posição e é movido para a posição Spec, IP, para checar Caso nominativo sob regência do nó flexional.

Burzio aponta também, como um aspecto restritivo para que o clítico *ne* estabeleça ligação com o objeto direto, o fato de, nas frases ergativas e transitivas, o quantificador que é gerado na posição de objeto direto permanecer na sua posição de base, enquanto o clítico pode se mover para uma posição mais alta, deixando um vestígio para estabelecer coindexação, pois se todo o objeto for movido para uma pré-posição à frase, esta é agramatical, conforme os dados de (7) evidenciam:

7. (a) Ne_i affonderanno due cv_i .
 (a') *Due ne affonderano.
 (b) Ne_i sarano invitato molti cv_i .
 (b') *Molti ne saranno invitato.

No que diz respeito à seleção do auxiliar aspectual *essere*, observa-se, como já apontado no exemplo (5), que apenas o verbo ergativo, sistematicamente, seleciona o *essere*, ao passo que os inergativos selecionam o *avere*. Ampliando essa noção a construções estruturalmente semelhantes, Burzio (op. cit.) assume que, assim como as ergativas (8a), as construções passivas (8b), as que participam da alternância SVO/OV (8c), as construções de *si* ergativo³ (8d) e as construções de particípio passado (8e) também selecionam o auxiliar *essere*, conforme os dados em (8):

³ Seguindo as orientações de Burzio (op.cit.), é pertinente esclarecer que a diferença entre o *se* ergativo e outros *se* clíticos, como o impessoal, por exemplo, é que aquele não absorve traços semânticos de nenhuma posição de base, não desempenhado dessa forma nenhuma função sintática, sendo apenas um afixo do verbo, enquanto o *se* impessoal pode, dentre outros fatores, ser interpretado como [+ agente], [+humano] e desempenha uma função sintática na frase, ao assimilar, por exemplo, os traços de Caso nominativo.

8. (a) *Maria_i è arrivata cv_i.*
Maria_i chegou cv_i
- (b) *Molti esperti_i saranno invitati cv_i*
Muitos especialistas_i serão convidados cv_i
- (c) *Due navi_i nemiche sono affondate cv_i*
Dois navios_i inimigos afundaram_i
- (d) *La tazza_i si è rotta cv_i.*
A xícara_i se tem quebrado cv_i
- (e) *Maria è stata accusata.*
Maria_i é acusada cv_i.

Burzio conclui então que no nível inicial da sintaxe, ou seja, no léxico, as estruturas ergativas, as passivas, as de particípio passado, as de *si* ergativo e as de alternância SVO/OV apresentam a mesma configuração sintática:

Grelha de Subcategorização: - [_{VP} V DP]

Grelha de Caso [-]

Essa configuração implica considerar que os verbos que participam das construções ergativas, das passivas, das de particípio passado, das de *si* ergativo e das de alternância causativa, conforme já apresentado nos exemplos acima, subcategorizam um argumento interno, e a este atribui uma função- θ Tema, em satisfação ao Critério- θ . Todavia, como na Teoria do Caso, todo DP foneticamente realizado necessita receber Caso para satisfazer a Condição de Visibilidade, aplica-se a regra Mover α , e o DP argumento interno dessas frases é movido para Spec, IP para receber Caso nominativo do núcleo flexional. Isto posto, assume-se, então, que, por esses verbos não licenciarem um argumento externo, não atribuem Caso acusativo ao DP argumento interno, o que, essencialmente, postula a Generalização de Burzio:

Generalização de Burzio: um verbo que não tem argumento externo não atribui Caso acusativo; se não atribui Caso acusativo não marca- θ um argumento externo. (BURZIO, 1986, p. 178).⁴

2.1 A “Inversão Livre”

Em síntese, o que Burzio aponta como traço discriminador entre os verbos inergativos (ex.: telefonar) e ergativos (ex.: chegar) é o fato de aqueles terem um sujeito gerado em Spec, IP, ao passo de estes, apesar de apresentarem um sujeito sintático, serem, na verdade, um sujeito derivado de uma posição de base como objeto direto, para satisfazer, dentre outras condições, o filtro de Caso e o EPP.

Para dar maior sustentação a suas hipóteses, Burzio (1986) defende que no italiano há “inversão livre do sujeito”⁵ com todos os tipos de verbos como nos exemplos a seguir:

9. (a) *Molti esperti arriveranno.*
Muitos especialistas chegarão.
(b) *Arriveranno molti esperti.*
Chegarão muitos especialistas.

10. (a) *Molti esperti telefoneranno.*
Muitos especialistas telefonarão
(b) *Telefoneranno molti esperti.*
Telefonarão muitos especialistas

11. (a) *Molti esperti examineranno il caso.*
Muitos especialistas examinarão o caso.
(b) *Examineranno il caso molti esperti.*
Examinarão o caso muitos especialistas.

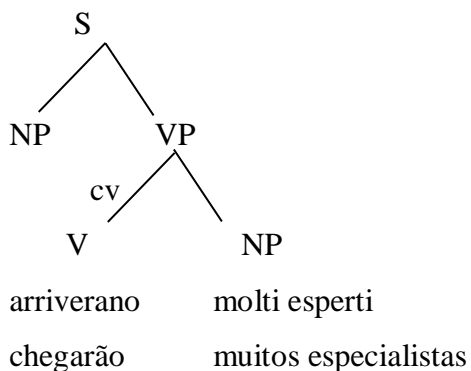
Ao verificar esses dados, a partir de sua hipótese inacusativa, Burzio (op. cit.) assume que os dados em (9), construídos com o verbo ergativo (arrivare/chegar), que licencia apenas

⁴ “... only the verbs that can assign θ -role to the subject can assign (accusative) Case an object” (BURZIO, 1986: 178).

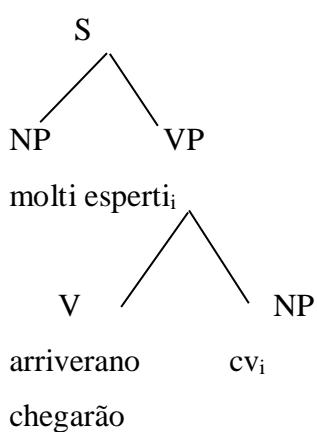
⁵ Essa asserção é amplamente defendida na literatura para todas as línguas de sujeito nulo.

um DP argumento interno com função- θ Tema, são descritos conforme as representações sintáticas abaixo apresentadas:

12. (a) Ordem VS:

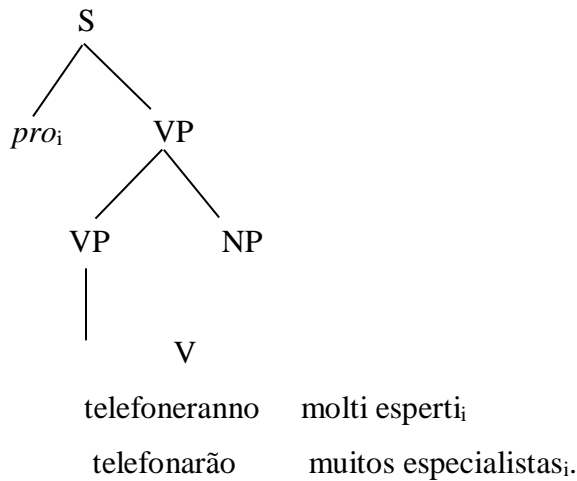


12. (b) Ordem SV:

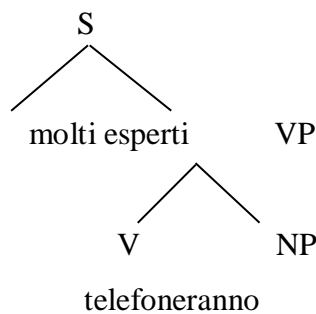


Já com os verbos inergativos e transitivos, conforme evidenciam os dados de (10) e (11), estes podem ter uma derivação similar, já que é assumido que esses verbos têm em comum o fato de terem seus sujeitos temáticos gerados em Spec, IP, de acordo com Chomsky (1981), segundo mostram as configurações sintáticas:

14. (a) Ordem VS



15. (b) Ordem SV



Pois bem, a questão reside na tentativa de explicar como se estabelece a relação assimétrica entre a ordem SV dos ergativos em comparação com a ordem VS dos inergativos captada por operações sintáticas comuns. Burzio (1986) se vale então da noção de CADEIA, conforme postulada em Chomsky (1981), para dar conta dos fatos acima apresentados.

A representação em (12b) mostra a formação de cadeia a partir da aplicação da regra Mover- α . Isso pode ser verificado ao se observar que o vestígio do NP gerado na posição de argumento interno do verbo *arrivare/chegar* não recebe Caso do verbo, mas estabelece coindexação com o NP que é sujeito derivado na frase, ocupando a posição Spec, IP, e recebe Caso nominativo por acordo Spec/head. A cadeia tem, então, o sujeito derivado com Caso nominativo e papel- θ Tema.

Já no que diz respeito à ordem VS com verbos do tipo *telefonare/telefonar*, Burzio argumenta que, nesse caso, também a noção de CADEIA apresenta um suporte explicativo,

pois o que ocorre é que, como esse tipo de verbo gera um sujeito temático na posição de Spec,IP, quando esse sujeito é movido para uma posição pós-verbal, ocupa uma posição de adjunção a VP e forma uma CADEIA expletivo-argumento com a categoria vazia *pro* na posição de argumento externo, como evidencia a representação sintática em (13a).

Burzio (op. cit) ainda esclarece que, quando o argumento interno do verbo ergativo permanece em sua posição de base, ou seja, a de objeto direto (cf. em (12a)), o que acontece é a coindexação de um expletivo que ocupa Spec, IP com o argumento interno do verbo⁶, e não uma cadeia formada por Mover- α , quando esse argumento interno é movido para Spec, IP, conforme já evidenciado no exemplo em (12b). Essa assunção se deve às idéias defendidas na literatura gerativa de que as línguas de sujeito nulo permitem que o NP identificado com Caso nominativo permaneça, no caso dos ergativos, em sua posição de base, formando um par *pro* expletivo, o que se traduz como uma coindexação sobre-escrita, segundo os moldes de Chomsky (1981), e permite a transmissão do Caso nominativo ao objeto direto do verbo ergativo⁷.

2.2 Construções com *There*

Como o inglês é uma língua não *pro-drop*, ou seja, é obrigatória a realização fonética de um sujeito na frase, é comum correlacionar as construções com o *there* com as construções de inversão de sujeito nas línguas de sujeito nulo.

Os dados do inglês evidenciam que o sujeito pleonástico *there* aparece em construções com verbos do tipo be (cf. (16)) e com verbos ergativos (cf. (17)):

- (16) a. There is a man in the garden.
a'. Tem um homem no jardim.
b. There were several books sold.
b'. Foram vendidos vários livros.

- (17) a. There arrived three men.

⁶ Para análises divergentes no tocante à noção de coindexação entre o par *pro*-expletivo e o argumento do verbo ergativo, ver os trabalhos de Safir (1985) e Guéron (1989).

⁷ A idéia de se explicar a ordem VS com os ergativos a partir da noção de coindexação sobre-escrita está baseada na preocupação de essa configuração sintática não ferir o Princípio C da Teoria da Ligação, que diz: “uma expressão-R está livre” (Cf. CHOMSKY, 1981).

a'. chegaram três homens.⁸

Para além das restrições que são comumente veiculadas para a ocorrência do *there*: (a) a restrição do efeito de definitude (cf. (18) e a de *be* – mais à esquerda (progressivo) (cf. (19)) (Cf. STOWELL, 1978, e XAVIER, 1989, BURZIO), Burzio apresenta argumentos a favor de sua ideia de que a ocorrência do *there* se encontra normalmente em frases com Tema (cf. (20a')) e não com Agente (cf. (20b')):

18. (a) *There arrived the great man.

(b) *There has occurred the disaster.

19. (a) There will occur a riot.

(b) There has occurred a riot.

(c) *There is occurring a riot.

(d) *There was developing a bad situation.

20. (a) A rainstorm_i followed cv_i⁹

(a') There followed a rainstorm.

(b) A taxicab followed.

(b') *There followed a taxicab.

Burzio (op.cit) advoga, então, que a ocorrência do *there* com determinados tipos de verbos e não com outros constitui um diagnóstico para a caracterização dos verbos ergativos, o que implica assumir que, no caso dos ergativos, o *there* ocupa em Estrutura-D a posição de sujeito da frase. Para a checagem do Caso nominativo nessas construções, o que é corrente na literatura é o que comumente se utiliza para as construções de sujeito invertido, conforme já apresentado na seção anterior.

Para as construções com o *there*, assume-se que o argumento interno do verbo ergativo é em Estrutura-S adjunto a VP, visto que o verbo lexical, em inglês, não sobe até I¹⁰, e o VP é

⁸ Exemplos extraídos de Xavier (1989). Vale apontar que o exemplo (54 a') eu traduzi com o verbo *ter* (existencial), ao passo que no trabalho de Xavier, que é um estudo comparativo sobre argumentos preposicionados entre o português europeu e o inglês (op. cit.), esta autora traduz por: *Está um homem no jardim*.

⁹ Os exemplos em (20) estão em Burzio (1986, p. 160).

¹⁰ Conferir o trabalho de Pollock (1989).

então um Barreira à Regência do complemento pelo núcleo flexional, segundo postula Chomsky (1981):

Thereⁱ ...SNⁱ formam uma cadeia-A, em que there tem Caso Nominativo por Acordo Espec-núcleo e o SN está numa posição- θ . A indexação é com sobre-escrita, não estando sujeita à Teoria da Ligação.

Sintetizando, então, o que foi aqui exposto sobre a proposta de Burzio (1986), ficou evidente que os fenômenos em que o autor se apóia para a distinção entre os ergativos, inergativos e transitivos no italiano são: (i) a *ne*-cliticização e (ii) a seleção do aspectual *essere*. Esses fenômenos podem, inclusive, corroborar a ideia defendida por Burzio de que os ergativos não têm sujeito temático, mas sim um sujeito derivado oriundo de uma posição básica de objeto direto, ao correlacioná-los com as construções de *se* ergativo, as de particípio passado, as de alternância causativa e as passivas, já que estas construções apresentam em comum com as ergativas o fato de não atribuírem Caso acusativo ao DP complemento, nem um função- θ externa.

Para além dessas evidências, Burzio analisa ainda o comportamento das construções de “inversão-livre” no italiano e as construções com *there* no inglês, a fim de apresentar argumentos a favor de que os sujeitos derivados das construções ergativas são, em Estrutura-D, argumentos internos, no caso das construções de inversão do sujeito, como também para defender que as construções com o *there* no inglês só ocorrem com Tema.

3. E o português?

Como toda pretensão de uma proposta teórica é encontrar suporte em evidências empíricas num número cada vez mais diversificado de línguas, analisa-se que, ao adotar as postulações de Burzio (1986) para os dados do português, ocorre o seguinte.

Como para o italiano, Burzio (op. cit.) assenta sua análise com base na *ne*-cliticização e na seleção do aspectual *essere*, o que distinguiria, segundo ele, os ergativos dos inergativos e transitivos; pode-se verificar que, no português, por não apresentar esses dois fenômenos sintáticos para a legitimação da hipótese inacusativa, nos moldes de Burzio (1986), é comumente assumido que a semelhança com os dados do italiano vai se dar com as construções de *se* ergativo, as construções passivas, as construções que participam da

alternância SVO/OV, as construções existenciais, as construções com verbos do tipo *aparecer* e *chegar*, dentre outros, conforme mostram alguns dos diagnósticos acima citados:

1) Construções com o clítico *se* (*ergativo*), em que este é considerado um afixo do verbo, como com verbos do tipo *quebrar*, e não pode ser alternado com um clítico não reflexivo nem com um DP lexical (Cf. COELHO, 2000), como mostram os dados abaixo:

- 21. (a) O copo se quebrou **t**.
- (b) *O copo a quebrou **t**.
- (c) *O copo quebrou o João.

enquanto com os intransitivos a simetria parece não se estabelecer:

- 22. (a) *Ela se cantou **t**
- (b) *O João se telefonou **t**.

Já com os transitivos, contrariamente aos inacusativos, o clítico *se* pode se alternar tanto com um clítico não reflexivo quanto com um DP lexical com verbos do tipo *limpar*:

- 23. (a) A Maria se limpou **t**
- (b) A Maria a limpou **t**
- (c) A Maria limpou a mesa

2) Efeitos estruturais semelhantes aos das construções passivas, predição sustentada na hipótese de que a morfologia passiva tem a propriedade de bloquear a atribuição da função- θ externa à posição de Spec, IP, já que não manifesta a capacidade de atribuir Caso acusativo (Cf. CHOMSKY, 1981 e BURZIO, 1986), como mostra o exemplo:

- 24. (a) ?? *Chegou aquela mulher à Maceió.
- (b) *Foi chegado aquela mulher à Maceió.

3) Restrições seletivas dos sintagmas: ao passo em que os inacusativos podem apresentar uma posição sintática de sujeito preenchida, cujo DP lexical pode ter o traço [-humano] e [-animado]:

25. (a) O copo quebrou.
(b) A carta chegou.

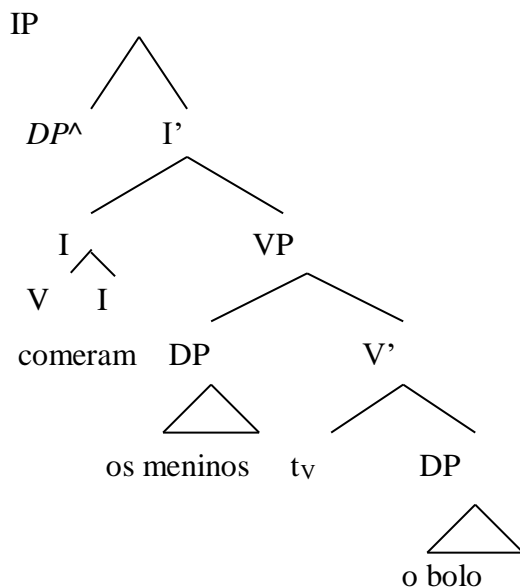
os intransitivos não licenciam um argumento externo com esse traço:

26. (a)*A carta cantou.
(b) *O copo telefonou.

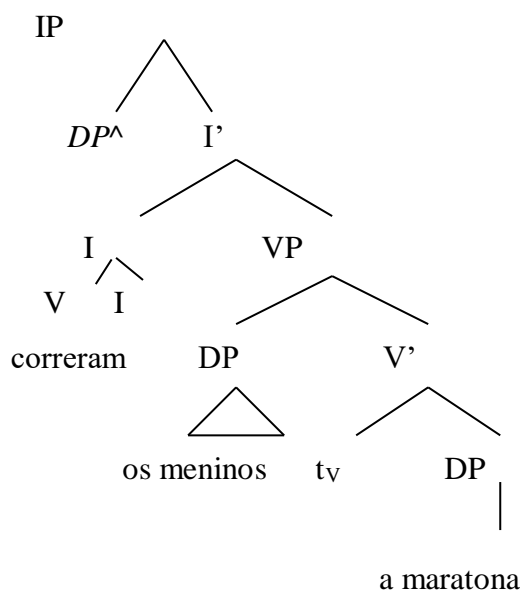
Em relação à “inversão livre do sujeito”, segundo mostrou Burzio (1986) e acima explicitada na sub-seção 2.1., assume-se que o movimento do DP dos ergativos para uma posição Spec, IP é motivada para checar Caso nominativo, formando uma cadeia por movimento com a categoria vazia deixada na posição de base (a de objeto básico), ao passo que quando há deslocamento do DP sujeito do verbo inergativo ou transitivo de sua posição de base, Spec,IP, para uma posição de adjunção a VP, essa CADEIA vai se dar com o par pro-expletivo, em que se efetivará a transmissão de Caso nominativo via CADEIA.

Entretanto, Silva (2004), ao analisar a posição em que os sujeitos de construções ergativas, inergativas e transitivas podem ocupar no PB e no PE, esclarece para essas duas línguas que a idéia de Chomsky (1981), adotada por Burzio (1986), não se sustenta pela seguinte predição: “a posição Spec, IP é sempre uma posição não- θ (...), independentemente do tipo de verbo, sendo Spec,VP a única posição temática em que os argumentos de verbos (in)transitivos são gerados” (Cf. SILVA, op.cit., p. 108). Essa linguista aponta ainda que como o PE gera dois *outputs* sintáticos: SV e VS, ela assume, com base em Costa (2003 e 2004) que, quando em frases transitivas e inergativas, o sujeito ocupa uma posição pós-verbal e está ocupando sua posição de base: Spec, VP, segundo evidenciam os dados da autora (op. cit., p. 109):

27. (a) Comeram os meninos o bolo.



27. (b) Correram os meninos a maratona.



Retomando a asserção de Burzio (op. cit.), quando defende que nas construções mostradas em (27.a. e b.) o que existe é uma coindexação do DP pós verbal a um pro-expletivo em Spec, IP, e daí resulta a transmissão de Caso nominativo, Silva (2004) contra-argumenta que a asserção de Burzio (op. cit.) não é legítima para esses dados, pois, sendo o VP uma Barreira, violaria a atribuição de Caso sob regência ao DP nele incluído, conforme a noção de regência postulada em Chomsky (1986). Outro aspecto abordado em Silva (op. cit.), que refuta a postulação de Burzio (op. cit.) para a questão da inversão livre do sujeito, é o fato

de no PB e no PE coloquial essa hipótese não ter suporte explicativo, haja vista as frases em que não há correspondência entre os traços- Φ do DP pós-verbal e os traços- Φ da flexão, “ o que implica dizer que a transferência de traços do expletivo ao DP pós-verbal não se sustenta” (Cf. SILVA, op. cit., p. 111), conforme os dados em (28) para o PB e (29) para o PE coloquial:

28. depois da Universidade é que começou a surgir os prédios aqui na Trindade (FLP05L548)¹¹

29. Fechou muitas fábricas.¹²

Silva (2004) defende, então, ao olhar para esses dados, que somente nesses casos se faz necessária a inserção de um *pro* expletivo no PB e no PE na posição Spec, IP para ser atribuído Caso nominativo pelo nó flexional numa configuração Spec/Head, ao passo que o DP pós-verbal recebe um outro Caso –partitivo-, à la Belletti (1998), possivelmente.

Questão muito curiosa é observar que, tanto na proposta de Burzio, como na aplicabilidade desta por outros linguistas, na tentativa de encontrar empirias que corroborem o fenômeno da inacusatividade, o verbo por excelência usado como exemplo é o verbo *chegar*. No entanto, não se pode deixar de reconhecer que esse tipo de verbo, junto com outros que são considerados de movimento/localização, como os do tipo de *ir*, *vir*, dentre outros são frequentemente analisados como inacusativos/ergativos sem levar em conta o argumento preposicionado.

Ao verificar o que diz Burzio (op. cit) sobre os critérios para identificação do verbo ergativo, é possível apontar com que nenhum dos diagnósticos apresentados por esse autor é corroborado quando a sentença é construída com verbo do tipo *ir* e *chegar* + PP no português, de acordo com as seguintes predições:

(i) verbos do tipo *ir* e *chegar*+PP não apresentam efeitos estruturais semelhantes aos das construções passivas, nem admitem construções de participio passado:

73. (a) *Foi ido o João à/para/em Maceió.

(a') *Ido o João à/para/em Maceió.

(b) *Foi chegado o João à/em Maceió.

(b') *Chegado o João à/em Maceió¹³.

¹¹ Exemplo extraído por Silva (op. cit), de Coelho (2000, p. 58).

¹² Exemplo extraído por Silva (op. cit.), de Costa (2001a, p. 08).

(i) não admitem construções com o *se* ergativo, mas sim como *se* impessoal:

30. (a) Se chega rapidamente à/na cidade por este caminho.

(a') *Ele se chega rapidamente à/na cidade por este caminho.

(b) Se vai frequentemente à/para/na festa com roupas esportivas.

(b')*Ele se vai frequentemente à/para/na festa com roupas esportivas.

(ii) não há “inversão livre do sujeito”, segundo postula Burzio (1986), pois ao levar em conta que o PP é complemento de verbos do tipo *ir* e *chegar*, parece se verificar, conforme já descrito em Xavier (1989, p. 260), dois importantes aspectos: a) a inversão não é livre e b) o argumento obrigatório é externo ao VP complexo recebendo papel- θ deste, conforme mostram os exemplos abaixo tanto do PB (31) e (32), quanto do PE (33), (34), (35), (36) e (37)¹⁴:

31. (a) *Foi o João ao/para/no cinema.

(b) *Foi ao/para/no cinema o João.

32. (a) *Chegou o João à/em casa.

(b) * Chegou em casa o João.

33. (a) A Maria chegou a Lisboa.

(b) *Chegou a Maria a Lisboa.

(c) * Chegou a Lisboa a Maria.

34. (a) A Maria veio à Faculdade.

(b) *Veio a Maria à Faculdade.

(c) *Veio à Faculdade a Maria.

35. (a) A Maria chegou ao João e perguntou...

(b) *Chegou a Maria ao João e perguntou...

(c) *Chegou ao João a Maria e perguntou...

¹³ Raposo (1981) e Eliseu (1984) admitem que a construção de particípio passado é boa no PE, no entanto não é levado em conta o PP complemento do verbo chegar. Nas seções 3.4.5.1. e 3.4.5.2., faço uma discussão sobre as propostas dos referidos autores para o português europeu.

¹⁴ Esses exemplos do PE foram extraídos de Xavier (1989, p. 259-60).

36. (a) A Maria chegou a Lisboa para dar aula.
(b) *Chegou a Maria a Lisboa para dar aula.
(c) *Chegou a Lisboa a Maria para dar aula.

37. (a) A Maria veio do Rio a Lisboa para dar aula.
(b) *Veio a Maria do Rio a Lisboa para dar aula.
(c) *Veio do Rio a Lisboa a Maria para dar aula.

Fato também interessante é que esses dados parecem revelar não somente uma característica da gramática do português, mas também de outras línguas, como por exemplo o inglês, de acordo com os dados de Xavier (1989, p. 261), que, ao verificar essas construções do PE acima apresentadas, aventou que algo de semelhante fosse encontrado também em construções com o *there* no inglês:

38. (a) A man arrived at the faculty.
(b) *There arrived a man at the faculty.
(c) *There arrived at the faculty a man.
39. (a) A man came to the faculty.
(b) *There came a man to the faculty.
(c) *There came to the faculty a man.
40. (a) A man came to John and asked...
(b) *There came a man to John and asked...
(c) *There came to John a man and asked...

Daí, então, retomando o que Burzio (op. cit.) propõe para as construções com o *there* no inglês, em que não é levada em conta a inclusão do PP com complemento de V, é importante verificar que, quando da realização de um PP, a construção ergativa com *there* é bloqueada no inglês, segundo os moldes de Burzio (op. cit.).

Do acima exposto, pode-se pontuar, conforme já assumido em Xavier (1989, p. 263) que

Parece mais uma vez poder chegar-se à conclusão de que os verbos ergativos não são ergativos em todos os contextos – a realização de um complemento preposicionado, [sic.] viabiliza a existência de um sujeito- θ , que é identificado como sujeito de um predicado complexo ([_{SV} V SP]).

4. Considerações finais

Neste artigo, apresentou-se de forma sintética uma discussão sobre a hipótese inacusativa de Burzio (1986) e sua aplicabilidade a contextos estruturais construídos com verbos do tipo *ir* e *chegar* + PP na gramática do português.

Foi apresentado o percurso da tentativa de Burzio (op. cit.) em evidenciar a caracterização do traço discriminador do verbo ergativo/inacusativo na gramática do italiano, recorrendo a fenômenos sintáticos como a *ne*-cliticização e a seleção do aspectual *essere*, o que implica considerar um comportamento recorrente desses fenômenos em frases estruturalmente semelhantes às ergativas, como as construções de *se* ergativo, as de alternância causativa, as passivas, as de particípio passado, dentre outras, o que leva à conclusão do autor de que os verbos ergativos selecionam apenas um objeto direto básico, que pode vir a ser sujeito derivado para satisfazer princípios gerais da gramática.

Todavia, ao analisar contextos estruturais construídos com verbos do tipo *ir* e *chegar* + PP na gramática do português, evidenciou-se que nem todas as asserções de Burzio têm suporte empírico nesta língua. Como fora ilustrado, ao considerar que o PP é um argumento de V, essas construções exibem um comportamento léxico-sintático um tanto distinto das construções ergativas, segundo os moldes de Burzio (1986), o que implica considerar operações lexicais envolvendo os núcleos predadores V+P, e não apenas a sintaxe em si.

Dessa problematização surgem questões interessantes a serem desenvolvidas em trabalhos posteriores: seria o PP dessas construções um adjunto e reestruturado como argumento do predicado? É necessário que haja uma explicação para que seja bloqueado o movimento para adjunção ao VP do DP “argumento” do verbo ergativo quando o PP é realizado! Seria o complexo V+PP barreira à coindexação do *there* com o DP pós-verbal? (Cf. XAVIER, 1989, p. 263). Nesses contextos seria também o DP considerado Tema e gerado na posição argumento interno? Qual seria a configuração sintática dos verbos ergativos que selecionassem um PP como complemento? Teriam dois argumentos internos? Isso não feriria a estrutura binária do núcleo predador, bem como atribuição de Caso sob regência e atribuição da função- θ ? Seriam, então, esses verbos ergativos?

Referências

- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucena, 1999.
- BELLETTI, A. The Case of unaccusatives. **Linguistic Inquiry**, v. 19, n. 1, p. 1-34, 1988.
- BURZIO, L. Italian Syntax. **A government-binding approach**. Dordrecht: Reidel Publish
- CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. **Knowledge of language: its nature, origin and use**. (trad. Portuguesa: O conhecimento da língua, sua natureza, origem e uso, de Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves). Lisboa: Caminho, 1994. Company, 1986.
- COMRIE, B. In Defense of spontaneous demotion: the impersonal passive. In: COLE, P & SADOCK, J. (eds.) **Syntax and semantics**, v. 8: Grammatical Relations. New York: Academic Press, 1977.
- DUARTE, I. A família das construções inacusativas. In: MATEUS, M.H.M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, p.507-548, 2003.
- KURY, A. G. **Novas lições de análise sintática**. São Paulo: Ática, 1997.
- LEVIN, B. & RAPPAPORT-HOVAV, M. **Unaccusativity**. at the syntax-lexical semantics interface. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.
- MAIA, L.M.S. **Verbos de alternância locativa no português**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 1996.
- MATEUS, M.H.M. et al. Gramática da Língua Portuguesa. Caminho: Lisboa, 2003.
- PERLMUTTER, D. M. **Evidence for subject downgrading in Portuguese**. Amsterdam/New York: Oxford University Press, 1983.
- PERLMUTTER, D. M. Impersonal passives and the unaccusative hypothesis. In: **Proceedings of the Fourth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**. University of California, Berkeley, p. 157-189, 1978.
- PONTES, E. **Sujeito: da sintaxe ao discurso**. São Paulo: Ática; Brasília, INL, 1986.
- RAPOSO, E. P. **A Construção “união de orações” na gramática do português**. 1981. 445p. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1981.
- SILVA, C. R. T. **A Natureza de Agr e suas Implicações na Ordem VS: um estudo comparativo entre o Português Brasileiro e o Português Europeu**. 2004. 618p. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2004.